

## **FESTA JUNINA: ORIGEM, HISTÓRIA E CELEBRAÇÃO DO FESTEJO DENTRO DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA EM PELOTAS - RS**

**FRANCINE SAMPAIO DE SOUZA; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS;  
MARCO AURELIO DE SOUZA CRUZ**

*Universidade Federal de Pelotas – UFPel - francinesampaiodesouza@gmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas – UFPel - thiago.amorim@ufpel.edu.br*

*Universidade Federal de Pelotas – UFPel - marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este estudo surge na perspectiva de continuação da pesquisa Folguedos e Danças Folclóricas Marginais do e no Rio Grande do Sul iniciada em 2014 por pesquisadores do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel - NUFOLK, e tem o foco nas manifestações que acontecem no ciclo junino. Inicialmente a pesquisa realizada por Rocha, Manzkhe e Jesus (2016) objetivou mapear, registrar e difundir as expressões populares contidas nas manifestações populares de matrizes tradicionais encontradas no Estado do Rio Grande do Sul. Ou seja, danças e folguedos que se distanciam da cultura central e hegemônica, mas que se constituem em lugares e falas que há na cultura popular do Estado.

Está vinculado ao mesmo núcleo na ação de pesquisa intitulada “estudos e pesquisas em/com/sobre artes populares junto com a Abambaé<sup>1</sup>” que tem como objetivo realizar estudos e pesquisas em/com/sobre artes populares mediante suas características poéticas, artísticas, educativas e conceituais no contexto contemporâneo, bem como propor, experimentar e analisar processos artísticos e educativos que elejam e/ou envolvam as poéticas populares em seu escopo principal em ambientes como a Abambaé. Objetiva-se ainda produzir conhecimento acadêmico no campo das artes populares a partir da pesquisa de campo e difundi-lo através de produções artísticas e produções científicas.

Nesse resumo expandido surge a seguinte problemática: como é celebrada a Festa Junina dentro das escolas de Educação Básica em Pelotas no Rio Grande do Sul a partir de sua origem e história? Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita a revisão bibliográfica através dos autores CÔRTEZ (1987); CAMPOS (2007); ALVES (2017).

Ressalta-se que este projeto integra o Grupo de Pesquisa ÔMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (CNPq) do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - RS e financiado pela FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS.

### **2. METODOLOGIA**

Esta investigação de cunho qualitativo utiliza como metodologia a revisão bibliográfica, pesquisa de campo e aplicação de questionários com professores/as egressos/as do curso de dança - licenciatura da UFPel que atuam nas escolas públicas de educação básica e em escolas particulares de Pelotas no Rio Grande do Sul. Busca-se, portanto, compreender melhor os contextos e as principais

---

<sup>1</sup> Companhia de Danças Brasileiras.

características das manifestações populares que acontecem no mês de junho no estado do Rio Grande do Sul, especificamente as festas juninas.

Para coleta dos dados foi criado um formulário online para saber mais sobre os saberes populares que envolvem a Festa Junina nas escolas de Pelotas – RS. Foi enviado via whatsapp para dez egressas/os do curso de dança – licenciatura da UFPel que lecionam em instituições de ensino formal em Pelotas/RS, onde obteve-se cinco respostas, e também uma visita de campo realizada no Colégio Sinodal Alfredo Simon, uma escola de cunho particular que realizou seu evento de festa junina no dia 24 de junho de 2023 das 15h às 18h onde foram anotadas em diário de campo e fotografadas as características da festividade realizada naquele contexto.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas pesquisas bibliográficas realizadas durante este processo, foi encontrado muito mais sobre a festa junina no Nordeste do que no Rio Grande do Sul, e consequentemente não há muitas escritas relacionadas à escola.

Contudo, a festa junina teve sua origem na Europa na Idade Antiga entre povos romanos e arianos (CAMPOS, 2007). O autor sugere ainda que em 1583 as festas eram consideradas como partes de rituais de celebração da passagem para o verão que no Hemisfério Sul seria a passagem para o inverno. A intenção da promoção dessas festas para as populações rurais seria para livrar os espíritos que provocavam sensações ruins para a terra. Nesse mesmo ano, as festas juninas começaram a se concentrar nos clubes da área urbana e algumas décadas depois, passaram a fazer parte do currículo escolar com o objetivo de proporcionar momentos de ludicidade e conseguir arrecadação de dinheiro para que as escolas pudessem pagar pelos seus futuros projetos.

No ano de 2006 no livro de “Folclore Gaúcho: Festas, bailes, música e religiosidade rural”, Paixão Cortês diz os feitos que aconteciam mais especificadamente na festa junina no Rio Grande do Sul eram o terno junino e fogueiras. No que diz respeito aos resultados encontrados na pesquisa de campo foi que mesmo que os anos tenham se passado, ainda assim, a festa junina nas escolas cai no senso comum, nesse caso, tendo foco no capitalismo e não na sua cultura originária. Muitas barracas para venda de guloseimas e jogos tradicionais para arrecadação de dinheiro, apresentações de dança nas quais todas as crianças participam se apresentando, o que incentiva os pais e familiares a prestigiarem o evento e como consequência consumirem os produtos vendidos. Isso é visto na imagem a seguir:

**Figura 2** – Festa Junina no Colégio Sinodal Alfredo Simon em Pelotas/RS



Fonte: Galeria da autora

Segundo ALVES (2017) a festa junina possui um grande acervo cultural, e, voltando sua escrita para o Nordeste, considerando que nos estados de lá a manifestação é simbólica-cultural e os agentes político-econômicos investem para a valorização que essa festa tem para o estado, enquanto no Rio Grande do Sul essa valorização não acontece. Sendo que este investimento está no “interesse em atrair o maior número de visitantes/consumidores e/ou manter os moradores/consumidores durante o ciclo de festejos juninos.” O que não é diferente no sul país.

O capitalismo tem influenciado de diversas maneiras as festas juninas ao longo do tempo, podendo ser observado em vários aspectos dessas festividades, por exemplo, muitas empresas e marcas aproveitam a popularidade das festas juninas para promover seus produtos, patrocinando eventos, fornecendo brindes para as barracas de jogos ou até mesmo vendendo produtos relacionados às festividades. Em resumo, o capitalismo tem se inserido nas festas juninas por meio da comercialização de produtos e serviços relacionados.

Por fim, com as respostas das professoras no questionário foi visto que é falado muito pouco sobre festa junina em suas formações de licenciadas em dança no ensino superior, o que reverbera em pouca utilização na escola e nas aulas do componente curricular Dança.

#### 4. CONCLUSÕES

Percebe-se que apesar da Festa Junina ser muito envolvente e possibilitar, muitas vezes, a presença de muitas pessoas em seus eventos, e trazer alegria, diversão e conhecimento para crianças, jovens e adultos sobre o contexto social e cultural da manifestação, pouco se é refletido na escola. Quase todas as pessoas ainda vão para festas com calças remendadas, dentes pintados, vestidos xadrez, ou muitas vezes ainda com pilchas remendadas, numa perspectiva de satirização dos nordestinos que vivem no campo. Há de se entender que nos casamentos juninos desta comunidade cultural, eles levam as suas melhores roupas, por mais simples que possam ser. Nesse sentido, faz-se necessário entender que por trás da alegria e diversão que a festa pode oportunizar, há originalmente uma população que trabalha, luta e sobrevive todos os dias para tirar seus sustentos a

partir de seus plantios e colheitas. Frente a esta situação, seria importante expandir a discussão deste tema para além do senso comum dentro das escolas de Pelotas no Rio Grande do Sul, como a realização de palestras com professores pesquisadores que tem domínio no tema, bem como aulas teórico-práticas com a intenção de perceber que pode existir outras possibilidades de participar da Festa Junina. Portanto, a manifestação não se limitará a um padrão e sim, terá novas formas de realizar este evento que é tão presente nos dias atuais, principalmente nos espaços formais de ensino.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Elder Patrick Maia. O consumo da tradição e a fruição do “inautêntico”: cultura e mercado nas festas-espetáculo do ciclo juninos no Nordeste. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.48, n. 1, p.208-244, jan./jul., 2017.

CAMPOS, Judas Tadeu. Festas Juninas nas escolas: lições de preconceito. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CORTÊS, João Carlos. **Folclore Gaúcho: Festas, bailes, música e religiosidade rural**. 2006.